

Imagens em proliferação: a circulação como espaço de valor

Images in proliferation: circulation as a space of value

Ana Paula da Rosa¹
UNISINOS

Resumo

As imagens configuram-se, hoje, como um dos principais textos postos em circulação. A relevância que adquirem no contexto da midiatização é tamanha uma vez que o caráter testemunhal e informativo das fotografias e vídeos vai cedendo espaço a outras funções como a metáfora visual e a elaboração para o agenciamento de novos fluxos. Isto é, mais do que ser janela para o mundo, a imagem se torna uma janela para si mesma ou biombo (FLUSSER, 2011), sendo produzida para acionar a própria circulação, não apenas por instituições midiáticas jornalísticas, mas também, e principalmente, por atores sociais midiatizados e instituições midiatizadas. Assim, toma-se como ponto de partida a ideia de que a circulação é um espaço de atribuição de valor (ROSA, 2016), sendo que a instituição jornalística ainda busca constituir a regulação do visível. Como aportes teóricos adotamos o tensionamento entre Vilém Flusser (2006; 2008) com os conceitos de gula e circularidade e Eliséo Verón (2013) com proliferação e circulação. A proliferação coloca em xeque a discussão dos códigos e a standardização. Se por um lado, há uma oferta maior de imagens e textos aparentemente iguais, de outro se percebe que há “un reconocimiento más completo de la diversidad” (VERÓN, 2013, p. 218). Tal diversidade não elimina a difusão do estereótipo, mas insere-o no jogo. Para isso mobilizamos o caso empírico da fotografia do menino sírio Aylan Kurdi.

Palavras-chave:

[Midiatização. Circulação. Imagem. Fotojornalismo.]

Abstract

Images are, today, one of the principal texts put into circulation. The relevance they acquire in the context of mediatization is so great since the testimonial and informative character of photography and video keeps giving space to other functions as the visual metaphor and the elaboration for the agency of new fluxes. That is, more than being a window to the world, the image becomes a window to itself or a folding screen (Flusser, 2011), being produced to trigger circulation itself, not only by journalistic mediatic institutions, but also, and especially, by mediatized social actors and mediatized institutions. Thus, we assume as

¹ Jornalista, mestre em Comunicação e Linguagens (UTP), Doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Atualmente é professora e pesquisadora do PPG em Ciências da Comunicação na linha de Midiatização e Processos Sociais. anaros@unisinis.br.

starting point the idea that circulation is a space for the attribution of value (ROSA, 2016), being that the journalistic institution still seeks to constitute the regulation of what is visible. As theoretical contributions we adopt the tensioning between Vilém Flusser (2006; 2008) with the concepts of gluttony and circularity and Eliséo Verón (2013) with proliferation and circulation. Proliferation puts in check the discussion about codes and standardization. If, on the one hand, there is a greater offer of images and texts that are apparently the same, on the other hand it is perceived that there is “un reconocimiento más completo de la diversidad (a more complete recognition of diversity)” (VERÓN, 2013, p. 218). Such diversity does not eliminate the stereotype diffusion, but it inserts it in the game. For this we mobilize the empirical case of the photography of the Syrian boy Aylan Kurdi.

Keywords:

Mediatization. Circulation. Image. Photojournalism.

1. A crise da imagem na imprensa x a crise da visibilidade

A imagem, considerada como um todo de sentido, vem adquirindo cada vez mais espaço na atualidade, está na capa dos jornais, nas páginas de revistas, cobrindo a mancha gráfica de diversas publicações, nos outdoors, nas camisetas, nas organizações que elaboram sentidos sobre si; tornou-se o cerne das mídias digitais, onde a imagem traduz a vida em superfícies. No entanto, para além da imagem material, temos a imagem imaterial, aquela que acompanha o homem, que está em sua mente, sendo produzida e atualizada a todo tempo. Esse conjunto de imagens endógenas e exógenas, na feliz definição de Belting (2004), está exposto aos processos da mediatização, que se caracteriza por um “novo modo de ser no mundo” (GOMES, 2004), mas especificamente pelo atravessamento das práticas sociais por protocolos sóciosemiotécnicos, que recriam, co-gestionam uma cultura da mídia, afetando modos de pensar, ser, produzir e permutar imagens.

A mediatização é entendida aqui como a articulação de processos sociais e midiáticos realizadas no âmbito dos dispositivos midiáticos (Ferreira, 2007), o que significa dizer que as imagens são produzidas e permutadas a partir de dispositivos midiáticos sejam estes de instituições jornalísticas ou não. E nesses espaços o que se evidencia é um intenso trabalho de proliferação de imagens. A questão que se coloca é: até que ponto a proliferação amplia o horizonte de perspectivas visuais, num cenário mediatizado, onde há multirreferências?

Antes de proceder ao debate específico sobre a proliferação, interessa-nos voltar o olhar para a chamada crise da imagem. A partir da Revolução Industrial, e, portanto, da aceleração dos procedimentos da técnica, há um desenvolvimento de imagens com a televisão, o cinema, a fotografia, ampliando usos e instaurando práticas sociais. Se de um lado podemos pensar no acesso facilitado à produção de imagens com dispositivos cada vez menores, de outro, temos a tentativa de controle dos sentidos produzidos, principalmente pelos grupos de comunicação. Em um cenário de midiatização como o atual, esta tentativa de controle não se extingue, mas se dilui no tecido social, pois não estamos falando da sociedade dos meios onde a regulação estava focada nos meios de comunicação. Mas quando pensamos nas imagens jornalísticas vislumbramos uma situação peculiar: “a imagem documental e, mais precisamente, a imagem testemunhal, estão em crise” (Baeza, 2001, p. 13). Isto não seria nenhum problema, se não fosse o pilar de sustentação do jornalismo, a sua credibilidade, ainda que tenhamos clareza de que toda notícia jornalística é uma forma de construção do acontecimento. Do ponto de vista imagético significa assumir que a dimensão espetacular, a metáfora visual e as elaborações próprias para agenciar novos fluxos, ou seja, para cadenciar mais proliferação, são critérios com mais força do que o testemunho.

El resultado es que la pérdida de cultura visual profesional crítica hace que en el terreno de la imagen los diarios sean muy parecidos unos a otros, y que estén estacados en unos parámetros muy bajos de riqueza visual. Predomina la imagen de acontecimiento local o suministrada por los monopolios informativos de AP, Reuters o AFP. Imágenes iguales para todos que reducen la realidad del mundo a estereotipos que anulan la diversidad de los fenómenos a los que se refieren y que sin embargo ocultan, en su profusión de escenarios, lo más obvio: a quine aprovecha la injusticia y la violencia. No existe una imagen equivalente al periodismo de investigación, porque prácticamente no existe periodismo de investigación (BAEZA, 2001, p. 14)

A afirmação do autor, apesar de sua defasagem temporal, atualiza-se no momento em que nos voltamos para a cultura visual atual, onde mesmo diante de uma gama de imagens temos a oferta de produtos jornalísticos muito parecidos, quando não com a mesma imagem. Os monopolios informativos continuam operantes e distribuindo imagens para publicações em todo o mundo, sendo que tais fotografias e vídeos não apenas se limitam ao espaço do jornalístico, mas por processos de circulação midiática² ganham novos espaços em dispositivos de atores sociais midiatizados e de instituições não midiáticas. A preocupação de

² Este aspecto será melhor explorado mais a frente a partir dos conceitos de circulação e da hipótese central desse trabalho

Baeza de que imagens iguais reduzem a realidade, anulando a diversidade, é um dos aspectos que se evidencia na crise da imagem, presente também em um contexto midiaticizado. Isto inclusive parece um contrassenso, pois com a possibilidade ampliada de referência e de fontes de produção, teoricamente, a ampliação do visível deveria ser um sintoma da midiaticização. O que ocorre, então, para que tenhamos a crise da imagem jornalística perpetuada? Poderíamos supor que é uma questão profissional? Se pensarmos que o jornalismo é o lugar que comporta a diversidade, os múltiplos tipos de imagem deveriam conviver. Porém, vemos imagens iguais que podem até ser imagens produzidas por atores sociais, ou seja, imagens feitas por amadores, como no caso do atentado de Nice, na França, onde as únicas imagens para se mostrar do momento do atropelamento eram cenas capturadas com um celular. A questão é que tais imagens passam a se desprender do fato, quando expostas em dispositivos midiáticos múltiplos, potencializando a autonomização da imagem e não do processo investigativo jornalístico.

Essa situação apontada acima, de autonomização da imagem, nos leva a um outro aspecto da crise imagética atual: a da visibilidade. As imagens disputam a atenção das pessoas, exatamente pelo seu potencial de autonomização, ampliado a partir da difusão dos protocolos técnicos, bem como as pessoas passam a considerar a visibilidade um fator decisório, se disponibilizando para serem vistas. Kamper (2001) sugere a crise da visibilidade ao mencionar que há um esvaziamento do valor de exposição pelo uso exacerbado de determinadas imagens. “Tudo o que não for visível tem que ser descartado como objeto sem valor, antes mesmo de entrar no jogo. Em compensação, toda imagem conformável ao olhar pode ser configurada ativamente, apresentada e reapresentada em encenações repetidas” (KAMPER, MERSMANN, BAITELLO, 2000, p. 7). Mais forte ainda é a questão da voluntarização para se fazer imagem ou para integrar este jogo, que na ambiência da midiaticização parece ser mais convidativo. Como não integrar-se, se a pertença social se manifesta via dispositivos midiáticos? Como não produzir ou reproduzir as imagens que circulam?

E, para aqueles que, voluntária ou involuntariamente, colocam a visibilidade como condição da própria pertencência social, ela não deixa a menor chance de escapar. Abre-se aí um círculo vicioso: para participar no processo da visibilidade em ascensão, as pessoas suportam a perda da própria vida em sua corporalidade pluridimensional. Elas condenam a si mesmas a existir e a viver apenas na superfície da imagem (KAMPER, MERSMANN, BAITELLO, 2000 p.8)

Isso nos remete à questão do simbólico: se as imagens que habitam tanto a imprensa como o espaço não jornalístico são imagens que trazem consigo histórias, marcas profundas de um social, relações de pertencimento, observamos que essa duração do simbólico se deve também ao fato de estar inscrito em imagens. Norval Baitello Jr (2005) ressalta que não é a imagem que se esvazia na crise da visibilidade, mas os símbolos que se perdem quando se inflacionam e esvaziam as imagens. Isso implica, portanto, em um modo de diminuição do apelo, da capacidade de afetamento. Quando as imagens não nos tocam mais, outras imagens, mais fortes ou mais engraçadas, precisam ser disponibilizadas. Porém, imagens “desgastadas são devoradas por novas imagens que as reciclam” (Baitello, 2005, p. 17).

Assim, estamos frente a um desafio: o esvaziamento das imagens pode nos remeter à perda da força simbólica. Ao mesmo tempo, a replicação de imagens iguais, como apontado por Baeza, permite a perpetuação de símbolos, uma vez que ocorre a restrição de outras oportunidades interpretativas. A crise da imagem no jornalismo e a crise da visibilidade se confundem e reiteram a necessidade de refletir sobre a proliferação de imagens em um ambiente marcado pela circulação em dispositivos múltiplos, onde produção e reconhecimento se hibridizam.

2. Circulação como espaço de valor: a imagem constituída no fluxo

A ideia de circulação coloca em tensionamento os papéis de produção e reconhecimento, elementos básicos para se pensar o processo comunicacional, aumentando a complexidade das relações. Verón (2004) considera que todo processo de produção de sentido se realiza envolvendo estas instâncias, sendo que aquilo que ocorre entre uma e outra pode ser entendido como circulação. No entanto, esse momento invisível no tempo, aparentemente irre recuperável, tornou-se hoje central para os estudos em midiatização e da própria comunicação, porque nos permite entender o sentido em seu movimento e dinamicidade, principalmente quando diz respeito às imagens. Catapultadas ao espaço da circulação, são elaboradas, reelaboradas, replicadas, acrescidas de novos significados. Isso revela um trabalho intenso realizado pela linguagem, pelos dispositivos, mas especialmente de valorização entre produção e reconhecimento que se hibridizam.

Os estudos sobre a circulação, embora recentes, podem ser divididos em, pelo menos, três momentos distintos. O primeiro se configura como *circulação – intervalo*, onde o foco está na ideia de transmissão. A relação entre produção e recepção é interseccionada por um intervalo, que funciona como uma espécie de “passagem automática” do sentido. O segundo como *zona de indeterminação* em que se percebe a redução da força das gramáticas de produção e reconhecimento, para a intensificação dos contatos entre os discursos via dispositivos. Como bem destaca Fausto Neto (2010, p. 60) “a linearidade dá lugar à heterogeneidade. Dissolve-se a existência de uma noção de equilíbrio entre atos da comunicação, especialmente seus vínculos de simetridade, na medida em que as intenções que os engendram não são controláveis”.

Assim, surgem mais diferenças do que convergências. Esse segundo momento leva a um terceiro, o dos *acoplamentos*. Uma vez que há lacunas entre produção e reconhecimento e que o equilíbrio é algo distante, observa-se que acoplagens são realizadas para a produção de sentido, sendo que os meios ou as técnicas são utilizadas para reduzir a distância entre os elementos do processo. Fausto Neto (2013, p. 48) destaca que “desponta uma outra pragmática comunicacional, fundada em práticas enunciativas na qual todos, caucionados por suas lógicas e estratégias, falam para todos”.

Desta forma, na sociedade em midiatização a circulação assume uma condição de unificadora e não mais de passagem. Essa possibilidade de fazer elos por meio de práticas tecnodiscursivas não elimina as divergências e os embates, mas nos remete ao que Braga (2012) entende por produção de circuitos que permite que o fluxo interacional siga adiante.

Dentro dessa perspectiva de que a circulação é fundada em práticas enunciativas e na produção de circuitos, transpomos a discussão para o âmbito das imagens situando o nosso empírico no contexto. Trata-se da imagem do menino Aylan Kurdi, uma criança síria de apenas três anos que foi localizado morto na praia de Bodrun, após o barco em que estava com a família naufragar. A fotografia do menino, produzida pela fotógrafa Nulifer Demir, da Dogan News para a Reuters, foi rapidamente disponibilizada na web em espaços jornalísticos e chegou ao *Trend Topics* do *Twitter* em poucas horas. Além do valor notícia que rendeu à fotografia a capa dos principais jornais mundiais, a imagem também foi replicada em blogs, páginas de *Facebook*, *Twitter* de atores sociais midiatizados e incorporada em campanhas de instituições não-midiáticas. Em poucos dias a imagem foi considerada como símbolo da

tragédia Síria, restringindo o acesso de outras imagens ou vinculando-se a outros vídeos e fotografias produzidas da crise da imigração (**imagem 1, 2, 3 e 4**). O circuito produzido, neste caso, evidencia um processo circulatório que vai muito além de uma simples relação entre produção e reconhecimento. Há um jogo intenso pela constituição do visível, disputada a partir da produção de sentido sobre a imagem da criança.

Imagem 01



Fotografia de autoria de Nulifer Demir distribuída pela Dogan News/Reuters. disponível em <http://www.theguardian.com/world/2015/sep/02/shocking-image-of-drowned-syrian-boy-shows-tragic-plight-of-refugees>

Imagem 02



Imagem de Nulifer Demir “negada” nas capas dos jornais, mas viralizada nas redes. Disponível em <http://srilankabrief.org/2015/09/at-that-moment-when-i-saw-the-3-year-old-aylan-kurdi-i-was-petrified-photographer-nilufer-demir/>

Imagem 03



A maioria das publicações optou pela imagem com maior distanciamento, mas a incluiu em close no interior das edições. Disponível em: <http://ewn.co.za/-/media/88AF3C434FAD4500B28035E2684167FF.ashx>

Imagem 04



Atores sociais replicaram imagem do menino em seus dispositivos como blogs e Facebooks, revalorizando-a no processo. Disponível em: <http://www.franciscoevangelista.com/2015/09/onde-estava-deus-quando-aylan-kurdi.html>

Esse jogo pela constituição do visível leva em conta uma necessidade de atribuição de valor que é realizada exatamente na e pela circulação. Considerando que tanto produção como reconhecimento, na midiatização, possuem condições de desenvolver práticas enunciativas valendo-se de dispositivos midiáticos, observa-se que as imagens encontram um espaço propício para a constituição de circuitos e para a promoção de novos fluxos. A imagem aparece, é inserida em dispositivos jornalísticos, replicada em dispositivos de atores sociais e ganha capilaridade ampliando suas formas de acesso. Em alguns casos o discurso jornalístico inicial é tensionado quanto à escolha da imagem (a sua crueza, seria uma foto-choque³?), mas isso não impede que ela se propague.

Quanto mais questionamento, mais elaborações sobre a imagem primeira são produzidas, o que significa dizer que a imagem primeira (a fotografia do menino morto) é ratificada cada vez que é inserida na circulação, tornando-a autônoma em relação ao acontecimento, ou seja, a imagem se cristaliza, via circulação, como sendo o próprio fato. Não nos remetemos à crise da imigração, à morte, mas ao menino Aylan Kurdi como simbólico, e, tal construção simbólica só se realiza porque, de um lado, temos a valorização na circulação e, de outro, porque essa imagem convoca uma força profunda do social, que aciona outras imagens que já estão presentes em nosso imaginário coletivo e social.

Em síntese, em nossa visada não são apenas os materiais que aparecem de modo circular, mas as imagens acionam a circulação e encontram um espaço onde produção e reconhecimento estão em condições de igualdade para endossar ou rejeitar estas imagens, ainda que convivendo com as múltiplas defasagens. Nesse cenário, os dois elos do processo comunicacional se hibridizam para determinar aquilo que deve ser visto, via pluridispositivos, ao estabelecer trocas, o que não significa que não haja tentativas de regulação, principalmente do campo midiático.

3. A relação entre circulação, circuitos e proliferação

Entendendo a circulação como uma forma de atribuição de valor e de constituição de circuitos, interessa-nos pensar a proliferação das imagens e sua circularidade. Eliséo Veron (2013) entende que assim como a invenção da imprensa foi uma transformação em termos de

³ Foto-choque na abordagem de Susan Sontag, imagens que possuem uma força emblemática muito intensa, mas que chamam a atenção pela visibilidade do horror do outro, exploram a dor.

produção e dos modos de leitura, os momentos chaves da midiaticização também são complexos e modificam as relações sociais. Nesse caso se enquadra a proliferação. Quando a pensamos vinculada aos livros temos dois tipos de situação: a) uma mesma obra, amplamente reproduzida e que chega a muitas pessoas e b) muitas obras que alcançam um mesmo leitor. Recorrendo a Eisenstein, Verón destaca que o primeiro caso implica uma espécie de revolução nas comunicações, já o segundo demonstra a possibilidade do desenvolvimento individual intelectual.

Assim, a imprensa gerou novas formas de articulação, tanto social como intelectual. O autor destaca o papel do dispositivo técnico que transformou o vínculo entre o cristão e o seu Deus, a partir do momento em que tornou possível sua realização material através da interpretação e leitura da Bíblia. Com a reforma protestante, por exemplo, a produção, circulação e leitura dos livros começa a se tornar um mercado complexo. Essa complexidade se revela no que Verón (2013, p. 217) chama de “desajuste entre produção e reconhecimento”. A imprensa acentua uma standardização, ou seja, uma padronização, mas ao mesmo tempo, uma de suas implicações é exatamente o seu oposto: a diversidade. Recorrendo a Eisentein (2005 apud Verón 2013, p. 218) “se puede considerar la emergencia de un nuevo sentimiento de individualismo como un subproducto de las nuevas formas de estandarización”. Isto é, apesar da uniformidade, a diversidade é convocada pelo indivíduo, mesmo que o estereótipo seja difundido. Vendo deste prisma, significa dizer que a proliferação não é o anulamento das diferenças, nem o esvaziamento, mas a ampliação do acesso e da entrada no jogo da circulação por parte do reconhecimento.

E quando transpomos esse raciocínio para as imagens, será que temos uma relação diferente? Ao pensar a proliferação de imagens também temos duas situações distintas: a) uma mesma imagem, amplamente reproduzida, e que chega a muitas pessoas e b) muitas imagens que alcançam um mesmo “leitor”. Na primeira situação há uma reiteração de uma imagem e, portanto, uma possibilidade de fixação, resultando em uma restrição de acesso a outras imagens. Já no segundo caso há uma oferta de múltiplas imagens, o que não significa que esse leitor irá gravar alguma delas, pois o excesso pode resultar no apagamento. As duas situações revelam-se complexas porque a restrição do mesmo pode levar a vazios interpretativos ou à constituição de símbolos que acionam imaginários já instaurados, enquanto que a múltipla oferta, sem regulação, também pode incorrer numa espécie de consumo imediatista, portanto, sem que se proceda à valorização dos materiais.

Há uma terceira situação que se evidencia: c) uma imagem é amplamente reiterada, mesmo quando múltiplas imagens alcançam múltiplos leitores. É nessa circunstância que vislumbramos a ocorrência não apenas da proliferação nos termos de Verón, mas da gula dos termos de Flusser (2006). A proliferação se dá porque a imagem se propaga em meio à diversidade individual, às múltiplas camadas de sentido acrescidas pelo reconhecimento. Ou seja, o consumo das imagens não é impositivo, mas depende da valorização efetuada na circulação, pois só permanecem circulando, indo adiante, aquelas imagens que foram valorizadas tanto pela produção como pelo reconhecimento. Isso implica dizer que as imagens podem ser as mesmas, o que reforça imaginários e símbolos, mas a produção discursiva é polissêmica.

Já na visão de Flusser (2006, p. 121) a gula se configura como um processo de consumo imagético, onde a substância da vida precisa ser compreendida. Para isso “é preciso devorar, engolir e digerir a vida, para que essa mera virtualidade das nossas mentes se torne realidade”. Portanto, não basta ver, é preciso tomar a imagem para si, engolir e depois expelir em novos instrumentos ou em novas produções visuais como memes, vídeos, reinscrições. “A gula tem, portanto, dois movimentos: a fome (conhecimento) e a digestão (tecnologia)” (FLUSSER, 2006, p. 122), o que demonstra o papel dos dispositivos midiáticos no acionamento da engrenagem.

Para que ocorra a proliferação de imagens é preciso despertar o prazer de devorar. O programa da gula conta com três etapas: 1) devorar o mundo dos sentidos; 2) transformá-lo em um sistema de símbolos e 3) jogar máquinas e instrumentos. Se pensarmos que a circulação de imagens envolve a produção de sentidos, a valorização em disputa que constitui a fixação de símbolos por meio da inscrição das imagens em pluridispositivos de atores sociais, instituições midiáticas e não-midiáticas temos a configuração do programa. Flusser alerta que o problema da gula, assim como o da crise da visibilidade e da imagem mencionadas no início deste texto, é o consumo, isto porque quanto mais se consome, menos se compreende, de fato, a dimensão dos processos sociais envolvidos na propagação das imagens, afinal passamos a ter imagens em eterno retorno que não permitem ver além da imagem-biombo.

O nosso ideal não é um standard de vida estável, portanto a saciedade. O ideal é um standard de vida crescente, portanto fome crescente. Se, como o fazem certas sociedades evoluídas, e certas pessoas em sociedades subdesenvolvidas, quisermos

para essa corrida e dizer “basta”, verificaremos, surpresos, que não podemos fazê-lo (FLUSSER, 2006, p. 136)

4. Considerações finais diante de novas/velhas imagens

A constatação de Flusser de que há uma fome crescente, retroalimentada o tempo todo pode ser verificada no processo de midiaticização das imagens. A fotografia jornalística, mesmo que com uma redução de seu caráter testemunhal e uma ampliação da função de metáfora visual, é elaborada, hoje, para o agenciamento de novos fluxos na circulação. Já faz parte da lógica da própria produção que a imagem encontre um espaço de disputa, a circulação, onde será valorizada, principalmente por atores sociais e instituições não midiáticas em dispositivos midiáticos que usam e partilham. Isso confere à imagem primeira maior visibilidade e determina ou não a proliferação. Retomamos a pergunta inicial: até que ponto a proliferação amplia o horizonte de perspectivas visuais, num cenário midiaticizado, onde há multirreferências?

A resposta não é tão simples, se pensarmos que a proliferação de imagens coloca em xeque a discussão da standardização. Se por um lado, há uma oferta maior de imagens e textos aparentemente iguais, de outro se percebe que há “un reconocimiento más completo de la diversidad” (VERÓN, 2013, p. 218). Tal diversidade não elimina a difusão do estereótipo, mas atribui ao domínio individual a possibilidade de diversidade e de complexificação. Ou seja, a diversidade individual não significa, necessariamente, a diversidade de imagens, mas de sentidos produzidos sobre. A grande questão quando falamos em imagens é que, num cenário midiaticizado, onde há multirreferências e pluridispositivos a presença da gula é sintomática, pois, produzimos mais imagens e consumimos mais imagens, reverberando-as. Isso implica, então, em uma gama muito grande de imagens em circulação? O eterno retorno se cristaliza, por exemplo, no caso Aylan Kurdi quando a fotografia do menino morto em Bodrun é novamente trazida à tona, passados vários meses, para intensificar o sentido de outra imagem, a do menino Omran Daqneesh, cinco anos, localizado em Aleppo entre destroços de um prédio na Síria. A montagem publicada em veículos de comunicação e amplificada nas redes sociais de atores sociais demonstra que o circuito da imagem continua indo a diante porque a fotografia de Aylan Kurdi (**imagem 05**) é valorizada na e pela circulação toda e cada vez que um fato remeta ao acontecimento que sua imagem referencia.

Imagem 05



Colagem reproduzida no Facebook fazendo relação entre acontecimentos. (fonte Facebook)

Dito de outro modo, a imagem de Aylan Kurdi pertence ao espaço midiático, toda vez que sua inscrição é realizada na circulação se reconhece seu valor, reitera-se sua força simbólica para além do fato vinculado. Produção e reconhecimento se dizem de acordo, assumem no espaço da circulação a atribuição de valor e a constituição do visível, restringindo, portanto, que outras imagens e cenas nos cheguem aos olhos. Consume-se a imagem do menino sírio, devora-se, a ponto de estarmos sempre sentindo fome. Qual será a nova inscrição de Aylan Kurdi na circulação?

5. Referências bibliográficas

- BAEZA, Pepe. *Por una función crítica de la fotografía de prensa*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- BAITELLO JR, Norval. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BELTING, Hans. *Pour une anthropologie des images*. Paris: Gallimard, 2004.
- BRAGA, Jose Luiz. “Circuitos versus Campus”. In: JANOTTI JR, J; MATTOS, M A; JACKS, N. **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA, Brasília COMPOS, 2012. p.31-52.
- BRAGA, Jose Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio.; GOMES, Pedro Gilberto. (orgs). **Dez Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- FAUSTO NETO, A. (2008) “Fragmentos de uma analítica da midiatização”. In: **Revista Matrizes**. N02, abril. Disponível em <http://200.144.189.42/ojs/index.php/MATRIZES/article/viewArticle/5236> (acesso em 17/07/2015)
- _____. **As bordas da circulação**. IN: Revista Alceu, nº 20, jan./jun de 2010. P. 55-69.
- FERREIRA, Jairo. Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. IN: **Revista E-compós**. Vol. 10, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/196/197> (acesso em 20/08/2016)
- FLUSSER, Vilém. **A história do diabo**. São Paulo: Annablume, 2006.
- _____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. **Filosofia da caixa-preta**. São Paulo: Annablume, 2011.
- GOMES, Pedro Gilberto. Os processos midiáticos como objeto de estudo. IN: **Tópicos da teoria da Comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- KAMPER, Dietmar. “Imagem”. In: **Cosmo, Corpo, Cultura: Enciclopédia Antropológica**. A cura de Christoph Wulf. Milano, Itália: Ed. Mondadori, 2002. Disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/3-kamper-dietmar/15-imagem.html> Acesso em 12/10/2015
- KAMPER, Dietmar; MERSMANN, Birke; BAITELLO, Norval. Sobre o future da visibilidade. São Paulo: CISC, 2000. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/3-kamper-dietmar/23-sobre-o-futuro-da-visibilidade.html> (acesso em 29/10/2016)
- ROSA, Ana Paula da. **De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens**. IN: CINGOLANI, Gaston; SZNAIDER, Beatriz. *Nuevas mediatizaciones, nuevos publicos*. Argentina, 2016. Rosario : UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2016
- _____. Atentado em looping: uma palavra que aciona uma imagem. In: **Revista Famecos**. Vol 22, nº 04, 2015. Disponível em
- _____. Imagens-totens em permanência x tentativas midiáticas de ruptura. In: ARAUJO, Denize; CONTRERA, Malena (orgs). **Teorias do Imaginário**. Compós, Brasília, 2014. p. 28-50 Disponível em http://www.compos.org.br/data/teorias_da_imagem_e_do_imaginario.pdf <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20992> Acesso em 20/08/2015.
- VERON, Eliseo. **La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- _____. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. In: **Revista Matrizes**. Vol. 08, nº 01, 2014.
- _____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.